

## Acolhendo a nova sócia Ana Paula Cavalcante Alencar da Silva

LUCIANO PINHEIRO KLEIN FILHO\*

**M**eus cumprimentos ao General Júlio Lima Verde Campos de Oliveira, presidente do Instituto do Ceará.

Digníssimas autoridades aqui representadas.

Prezadas consócias e consócios.

Distintos convidados e demais membros da Casa do Barão de Studart.

Paulo de Tarso, o admirável advogado dos gentios, que teve a sua visão espiritual dilatada pelo Cristo na estrada de Damasco, modificou radicalmente a sua maneira de pensar e de ser. Deixou de ser um exegeta, um intérprete da Torá, da Lei dos Antigos profetas, para ser um dos mais obstinados propagandistas de uma mensagem cuja moral estranha, diziam, havia sido anos antes pregada na região do Vale do rio Jordão, por um carpinteiro de nome Jesus que deixara a vida tristemente, crucificado, entre malfeitores, no Monte Gólgota, além dos muros de Jerusalém.

Paulo, ou antes Saulo, se nos apresenta como um dos mais extraordinários exemplos de transformação interior. De rabino, na cidade do Rei Davi, e perseguidor de cristãos, converteu-se no maior propagandista da Boa Nova, dispondo-se a levá-la aos mais longínquos rincões do mundo então conhecido. Mais tarde, em momento de extrema dedicação à nova causa que abraçara, escreveria aquela que, a nosso ver, se constitui em uma das mais tocantes páginas da literatura universal de todos os tempos: a célebre e primeira epístola aos Coríntios (13:1-13).

Dirigindo-se aos cristãos de Corinto, cidade localizada na Grécia meridional, na Província de Acaia, aproximadamente 70 km a oeste de Atenas, em momento de profundo enlevo espiritual, anotou:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos,  
e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como

---

\* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece.

Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor nunca falha; (...) quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor”.

Senhoras, Senhores este trecho da carta paulina que, costumeiramente, chamamos de “teologia do amor”, traz-nos eloquente e oportuna mensagem para os dias atuais, sobretudo neste início de mais um ano no curso de nossas vidas.

Nesta hora aziaga por que passa a humanidade terrestre, nunca, nunca, a palavra do apóstolo da gentilidade faz-se tão necessária, numa época tão rica em ciências e tecnologias, mas, lamentavelmente, ainda, tão pobre de afeto e sentimentos, uma vez que, por vezes, nos empanturramos de filosofias, mas permanecemos nulos na capacidade de sentir e perceber o outro. Amor é, portanto, esse imprescindível alimento das almas, sem o qual criatura alguma, por mais autossuficiente que diga ser, consegue viver.

Amigos, Paulo de Tarso era um homem de três mundos, de três culturas, que assimilou elementos importantes do ambiente judeu, grego e romano. Revelou-se como um apóstolo da esperança; um grande mestre

das mentes e corações. Ao evocarmos o seu nome à apresentação da nova sócia efetiva do Instituto do Ceará, o fazemos, primeiramente, por sabermos do apreço da Professora Ana Paula (que tem Paulo no seu nome) pelo grande missionário do Cristo, bem como seus estudos rotineiros sobre a História do Judaísmo e do Cristianismo.

Ademais, aquele a quem ela terá a honra de suceder neste espaço sagrado da cultura alencarina, foi também um Paulo, o saudoso e operante consócio Paulo Ayrton Araújo.

Finalmente, por privar da amizade da Historiadora, Antropóloga e Educadora Ana Paula, amizade permanentemente alimentada durante três décadas. Nela divisamos uma mulher de fibra cuja trajetória existencial, embora algumas provas acerbas pelas quais passou, nelas não viu empecilhos que a fizessem desistir de lograr alcançar seus sonhos colimados. Prosseguiria, sempre, uma pessoa terna, afetuosa, firme quando necessário, na relação com todos aqueles que tiveram o ensejo de com ela conviver.

Conduziu, sem claudicar, o archote da esperança paulina e do amor patenteados na relação com seus pais, irmãos, marido, filhos, alunos e amigos.

Ana Paula Cavalcante Alencar da Silva é natural de Macapá-Amapá. Filha de Gerson Nazareno Cavalcante e Dolores Furtado Cavalcante.

Viveu em uma família de oito irmãos, marcados por uma educação típica de seu tempo quando a hierarquia e o princípio de autoridade eram elementos fundamentais. Seus genitores, eram órfãos desde a infância. Sua mãe, Dona Dolores, desde recém-nascida na ilha de Afuá, estado do Pará, fora criada por uma irmã de 9 anos. Seu pai, Gerson, foi acolhido pela vizinha, Dona Paula (mais uma Paula em sua vida!).

Caros consócios, familiares e amigos, compartilhamos essas informações unicamente para revelar-lhes a resiliência de um casal.

A mãe, professora de artes. O pai membro da Guarda Territorial do ex-território Federal do Amapá e, posteriormente, oficial da Justiça Federal, transferido para o Ceará, em 1971, quando a Justiça Federal foi extinta do território.

O convívio com pessoas bondosas, íntegras, amigas influenciou, sobremaneira, o itinerário da família forjando-lhe algumas características muito particulares como: o cuidado com o outro, a empatia, o gosto pela

leitura, até pelos livrinhos de “bang-bang” trazidos as pilhas por “Seu” Gerson e repassados, dos irmãos mais velhos aos mais novos. Naqueles idos tempos, sem a internet, as enciclopédias assumiam a função de abrir portais aos reinos desconhecidos, desbravados por toda família. Eis aí a procedência do gosto de Ana Paula pela leitura, o encantamento pela história, e, mais tarde, pela antropologia.

A predileção pelos estudos do Judaísmo, sua paixão atual, despontou quando trabalhava com seus alunos do 1º Ano do Ensino Médio do Colégio Militar, o livro *“Os judeus que construíram o Brasil”*, da Doutora Anita Novinsky e o documentário, em vídeo, *“A estrela oculta do sertão”* de Luize Valente e Elaine Eiger.

À vista disso, iniciou seus estudos sobre os desdobramentos do Decreto de Alhambra – Espanha 1492- e seus impactos no reino de Portugal. Fruto dessas buscas temos seu artigo inaugural, *“Perda da memória judaica na escrita histórica brasileira”*, publicado em 2017, na “Revista do Instituto”

Ana Paula licenciou-se em História pela Universidade Federal do Ceará, em 1986. É pós-graduada em História do Brasil Colônia pelo Instituto PROMINAS/ Universidade Cândido Mendes.

Mestre em “Antropologia em Ibero América” pela Universidade de Salamanca, na Espanha, com o trabalho *“As armadilhas da memória: uma análise antropológica dos traços de identidade dos judeus sefarditas no Nordeste do Brasil”*, convalidado pelo Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

É doutoranda em Ciências Sociais, na linha de pesquisa do seu mestrado, pela mesma universidade, trabalhando a tese: *“Traços Históricos e Culturais da comunidade ibérica sefarditas no Nordeste Brasileiro”*.

É oportuno lembrar que, após licenciar-se em História, Ana Paula retornou à terra natal, onde iniciou a sua carreira, ao ingressar, por concurso, em 1988, no magistério do Sistema Federal de Educação Básica. De 1992 a 2022, lecionou no Colégio Militar de Fortaleza, onde obteve a sua recente aposentadoria. Professora querida pelos alunos, colegas e funcionários da Casa de Eudoro Corrêa, ali procurou, desde cedo, desenvolver, com seus discentes, trabalhos na área da pesquisa e do patrimônio.

No “Casarão do Outeiro” incursionou na área de restauração. Em 2013, em parceria com Júlio Santos ( o “Mestre Júlio”) trabalhou na recuperação

de fotografias e de molduras, que presentemente fazem parte da Galeria de Comandantes do Colégio Militar do Ceará, Escola Preparatória de Fortaleza e do Colégio Militar de Fortaleza, os estabelecimentos de ensino militar que, desde 1919, ocuparam o vetusto prédio da Avenida Santos Dumont .

Prosseguindo nesse mister, realizou o restauro de móveis pertencentes ao acervo histórico do Espaço Cultural Gustavo Barroso e do Salão Nobre do Colégio Militar. Em 2015, em parceria com a “Organize Arquivos”, promoveu a ordenação, higienização e catalogação de livros do arquivo histórico da Antiga Escola Militar do Ceará, desaparecida no final do século XIX.

Amigas e amigos, eis, portanto, por meio dessa breve alocução, o perfil biográfico da nova sócia efetiva que o Instituto do Ceará acaba de ganhar. Bem-vinda à Casa do Barão, querida.

(Discurso proferido em sessão de posse em 11 de março de 2023)